

PSICOLOGIA ESCOLAR E GÊNERO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Isabele Linhares Santos

Universidade de Brasília

Aline Alves de Moraes

Universidade de Brasília

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília

Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho

Universidade de Brasília

Recebido em: 00/00/2023

1ª revisão em: 24/02/2024

Aceito em: 13/11/2024

RESUMO

O debate sobre gênero sofreu ataques expressivos por movimentos político-religiosos ultraconservadores nos últimos anos. A Psicologia, embora tenha contribuído historicamente com perspectivas e práticas normatizantes e disciplinares, é convocada a posicionar-se diante de tais questões. Esta investigação exploratório-descritiva realizou uma revisão sistemática, com base nos critérios do *PRISMA*, acerca da produção científica em psicologia escolar e gênero nos últimos 10 anos. Utilizou-se como fonte de dados as bases *Scopus*, *PubMed*, *Scielo* e *Web of Science*. As publicações foram selecionadas em inglês, português e/ou espanhol, indexadas entre janeiro/2012 e dezembro/2022. Encontrou-se 40 artigos e, somente, 08 atenderam aos critérios de elegibilidade. O estudo revelou que, embora gênero na Psicologia Escolar venha sendo pensado em uma perspectiva crítica e decolonial, existem lacunas no número de produções, modalidades de pesquisas e abordagem de diferentes níveis educacionais. Espera-se que esses dados possam evidenciar a necessidade de que os discursos se materializem em produções científicas.

Palavras-chave: psicologia escolar; gênero; sexualidade.

SCHOOL PSYCHOLOGY AND GENDER: A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT

The gender debate has faced significant attacks from ultraconservative political-religious movements in recent years. Psychology, although historically contributing to normative and disciplinary perspectives and practices, is called upon to take a stance on these issues. This exploratory-descriptive investigation conducted a systematic review, following *PRISMA* criteria, of scientific production in school psychology and gender in the last 10 years. Data sources included *Scopus*, *PubMed*, *Scielo*, and *Web of Science* databases. Publications were selected in English, Portuguese, and/or Spanish, indexed between January 2012 and December 2022. Forty articles were found, but only eight met the eligibility criteria. The study revealed that, although gender in School Psychology has been approached from a critical and decolonial perspective, there are gaps in the number of productions, research methodologies, and coverage of different educational levels. It is hoped that these findings can highlight the need for discourse to materialize into scientific productions.

Keywords: school psychology; gender; sexuality.

PSICOLOGÍA ESCOLAR Y GÉNERO: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

RESUMEN

El debate sobre género ha enfrentado ataques significativos por parte de movimientos político-religiosos ultraconservadores en los últimos años. La Psicología, aunque históricamente ha contribuido con perspectivas y prácticas normativas y disciplinarias, se ve llamada a posicionarse frente a tales cuestiones. Esta investigación exploratoria y descriptiva llevó a cabo una revisión sistemática, siguiendo los criterios de *PRISMA*, sobre la producción científica en psicología escolar y género en los últimos 10 años. Se utilizaron como fuente de datos las bases *Scopus*, *PubMed*, *Scielo* y *Web of Science*. Las publicaciones seleccionadas estaban en inglés, portugués y/o español y se indexaron entre enero de 2012 y diciembre de 2022. Se encontraron 40 artículos y, solo 08 cumplieron con los criterios de elegibilidad. El estudio reveló que, aunque el género en Psicología Escolar ha sido abordado desde una perspectiva crítica y decolonial, existen lagunas en la cantidad de producciones, en las modalidades de investigación y en el enfoque de diferentes niveles educativos. Se espera que estos datos puedan

poner de manifiesto la necesidad de que los discursos se traduzcan en producciones científicas.

Palabras clave: psicología escolar; género; sexualidade.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, alguns acontecimentos relacionados à temática de gênero mobilizaram a sociedade brasileira. Movimentos político-religiosos ultraconservadores iniciaram um levante contra os direitos à diversidade sexual, defendendo claramente posicionamentos cissexistas e discriminatórios, com proposições de legislações que objetivavam impedir e silenciar o debate de questões relacionadas à gênero no ambiente escolar, bem como permitir supostas terapias para reversão sexual. Em meio a esse cenário a Psicologia é convocada a dar respostas, a se posicionar.

Historicamente, a Psicologia acabou contribuindo para a construção de perspectivas e práticas normatizantes e disciplinares, com vistas ao controle de corpos e da subjetividade humana, produzindo discursos e saberes que contribuíram para naturalizar as dimensões de gênero e sexualidade sob uma concepção cisgênera (Lima, 2019; Louro, 2013). Desse modo, colaborou para a construção de concepções, segundo as quais gênero seria algo dado pela biologia dos corpos, cabendo, assim, apenas posições binárias, as quais se manteriam de modo permanente na vida das pessoas (Vergueiro, 2014). No campo educacional, colaborou com teorias e intervenções voltadas a classificação e patologização de sujeitos, os quais majoritariamente pertenciam aos segmentos sociais excluídos - negros, pobres, pessoas com alguma deficiência e com identidade de gênero que fogem aos padrões cisnormativos (Patto, 2022).

No entanto, desde a década de 1980, a partir dos estudos de Patto (2022) sobre o fracasso escolar, a Psicologia Escolar tem empreendido um movimento de crítica às suas teorias e práticas de cunho individualizante, patologizante e classificatória, propondo uma nova perspectiva voltada à emancipação humana e a compreensão da subjetividade como dimensão histórica e social. Nesse sentido, enquanto ciência e profissão possui o compromisso social para com o enfrentamento das situações de desigualdade e discriminação.

Nesse cenário, as questões de gênero interessam à Psicologia. Interessa compreender quais discursos, legislações, teorias e práticas sobre gênero estão sendo empreendidas, para assim, colaborar para a construção de perspectivas inclusivas, que consideram as diversidades de subjetividades e corpos. Assim, de modo particular, importa compreender como a área da Psicologia Escolar tem se relacionado com as questões de gênero, em meio às várias tentativas de controle e silenciamento das subjetividades e corpos inconformes à cisnormatividade, as quais têm como palco principal o ambiente educacional.

Recentemente, a partir de 2015, ganhou força, no Brasil, o Movimento “Escola Sem Partido”, através do Projeto de Lei 1859/2015, apresentado pelo deputado federal Izalci Lucas, que propunha uma escola neutra, livre de uma suposta doutrinação ideológica de gênero, a qual estaria ameaçando à família, os “bons” costumes e a heterossexualidade. Numa perspectiva crítica, pode-se compreender, como bem destaca Moreira (2019), que essa proposição, na verdade, é de uma “Escola sem Diferenças”, uma escola que tem sim um partido, o da burguesia branca e cisnormativa.

É nesse sentido que compartilhamos da concepção de que a escola é um local de disputas políticas e de poder e, por isso, ela nunca é sem partido (Moreira, 2019). Não é à toa que líderes políticos, ao longo da história, buscaram regular o modelo de educação, buscando torná-la um objeto a ser utilizado a partir dos interesses das classes hegemônicas (Patto, 2022). Em conformidade a essas ideias, Freire (2022) concebe que a escola acaba perpetuando uma relação de opressão contra as minorias sociais, por meio de um modelo educativo em que o aluno possui o papel apenas de receptáculo de conteúdos programados, sem o acesso a construção de uma visão crítica sobre si e sobre o mundo, o que permite a manutenção da divisão das classes sociais. Corroborando com essa questão, Hooks (2013) e Louro (2013), ao analisar as questões de gênero no cotidiano escolar, concluem que as mesmas estruturas hierárquicas que legitimam as opressões das minorias étnicas na sociedade atravessam o espaço educacional e, a escola enquanto uma instituição social, acaba re/produzindo os mesmos processos de discriminação e exclusão social.

No entanto, o espaço educacional não produz apenas opressão, ele, também, é espaço de mudanças, possui a potência de problematizar, construir e promover transformações das concepções e práticas que naturalizam gênero em uma perspectiva cissexista, podendo contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e que acolhe às diversidades. Nessa direção, a Psicologia Escolar tem muito a colaborar e, para isso, precisa, em conjunto com todos sujeitos que compõem a comunidade escolar, problematizar a realidade educacional, suas práticas e concepções educativas, desnudando os tensionamentos re/produzidos, e contribuindo para a produção de novos saberes e práticas.

Conforme a Nota Técnica sobre Atribuições da(o) Psicóloga(o) Escolar e Educacional (ABRAPEE, 2021) a atuação desse profissional no campo educacional se dá “na perspectiva dos direitos humanos, do respeito à diversidade, enquanto fundamento para efetivação de uma educação para todos e todas” (p. 1). A Psicologia Escolar enquanto um campo de conhecimento e prática nos espaços educacionais, deve, assim, colaborar com a elaboração e implementação de propostas pedagógicas que abordem as questões sobre gênero, participando ativamente da construção e desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico das diversas instituições de ensino, desenvolvendo práticas que envolvam toda a comunidade escolar - profissionais, alunos, família e comunidade, e todos os níveis

de ensino - desde a educação infantil até a pós-graduação, bem como outros espaços educacionais (CFP, 2019).

Nesses termos, a presença da Psicologia nos espaços educacionais envolve uma atitude transgressora (Hooks, 2013), que, mesmo em meio a uma ideologia cisnormativa e re/produtora de opressões, desenvolve práticas que problematizam as dicotomias e visões biologizantes de gênero. Dessa forma, algumas práticas são urgentes, tais como: o direito e respeito ao nome social, grupos de formação com toda a comunidade escolar voltado ao desnudamento das diversas formas de violência que acontecem no cotidiano educacional, que mantidas justamente pelo silêncio, cristalizam a exclusão e discriminação de sujeitos e corpos dissidentes à normatividade cisgênera. Compreende-se que a presença de uma atitude passiva dos profissionais gera mais hostilidade e opressão. Por isso, é necessário transgredir as práticas educacionais, inclusive transgredir a formação, já que os profissionais de Psicologia têm obtido uma formação na qual a temática de gênero tem sido, na maioria das vezes, abordada enquanto um assunto extracurricular (Lima, 2019; Amaral et al, 2022).

Diante do exposto, é urgente o conhecimento acerca de como as questões de gênero estão sendo articuladas pela Psicologia Escolar, sobretudo em tempos de implementação da Lei 13.935/2019, que dispõe sobre a obrigatoriedade dos serviços de psicologia e serviço social na rede pública de educação básica. Nesse sentido, alguns questionamentos se fazem presentes: Será que a temática de gênero tem se materializado em pesquisas na área da Psicologia Escolar? Que concepções teóricas têm subsidiado tais pesquisas e práticas profissionais? Quais modalidades de intervenções no contexto educacional têm sido realizadas, com quais sujeitos, em quais espaços e níveis educacionais? Que interesses e objetivos de pesquisa comparecem nesses estudos em Psicologia Escolar e sua interface com gênero? Que caminhos futuros precisam e podem ser trilhados por esse campo de conhecimento e prática?

MÉTODO

PROTOCOLO E REGISTRO

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo do tipo exploratório-descritivo. Baseia-se numa revisão sistemática cujo objetivo foi analisar as produções científicas no campo da Psicologia Escolar em sua interface com as questões de gênero nos últimos 10 anos. Os procedimentos metodológicos seguiram os critérios do *PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses)* (Mattos, Cestari & Moreira, 2023).

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Definiu-se, como critérios de inclusão, artigos científicos que apresentassem estudos sobre a temática escolhida na íntegra, publicados entre janeiro de 2012 e

dezembro de 2022, oriundos de qualquer país e escritos em inglês, espanhol ou português disponíveis no sítio eletrônico da base de dados da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*. O recorte temporal foi eleito para que assim fosse possível acompanhar o número de produções ao passo de uma década, permitindo a análise de possíveis fatores intervenientes sobre o modo como essas produções estão se organizando e, até mesmo, se elas se articulam a questões históricas e sociais.

Em relação aos critérios de exclusão, foram descartados trabalhos que não estavam relacionados à temática proposta, aqueles que apenas mencionam os descritores, publicações duplicadas, bem como livros, teses, dissertações ou outras publicações que não estavam disponíveis gratuitamente.

FONTE DE INFORMAÇÃO

O levantamento das produções científicas foi realizado no sítio eletrônico da base de dados da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* por dois juízes independentes em dezembro de 2022. Na ocasião, só foram encontradas produções nos seguintes periódicos: *Scopus*, *Scientific Electronic Library online (SCIELO)*, *Pubmed* e *Web of Science*. Assim, as produções analisadas na presente pesquisa ficaram restritas a essas bases de dados.

BUSCA

Os descritores elencados para a pesquisa foram as palavras-chave: “psicologia escolar” AND “gênero” e “school psychology” AND “gender”. Esses descritores foram escolhidos por se mostrarem mais sensíveis ao tema, já que foi realizada, também, uma busca com os descritores “psicologia” AND “escola” AND “gênero” e suas versões em inglês, em que se verificou uma redução considerável do quantitativo de trabalhos.

SELEÇÃO DE ESTUDOS

Após a definição dos critérios de inclusão e exclusão, bem como da escolha dos descritores, deu-se início a pesquisa, onde obteve-se um universo de 40 artigos, dentre os quais verificou-se a presença de 08 trabalhos duplicados, os quais foram descartados. Em seguida, procedeu-se com a leitura dos resumos dos 32 trabalhos para a verificação dos artigos que estavam em consonância com a temática proposta nesta pesquisa, desse universo, somente 09 artigos atendiam aos critérios de elegibilidade. Por fim, seguiu-se com a leitura crítica na íntegra desses 09 trabalhos, verificando-se que um deles não atendia aos objetivos de pesquisa. Dessa forma, obteve-se um quantitativo final de 08 artigos, como é possível observar na Figura 1.

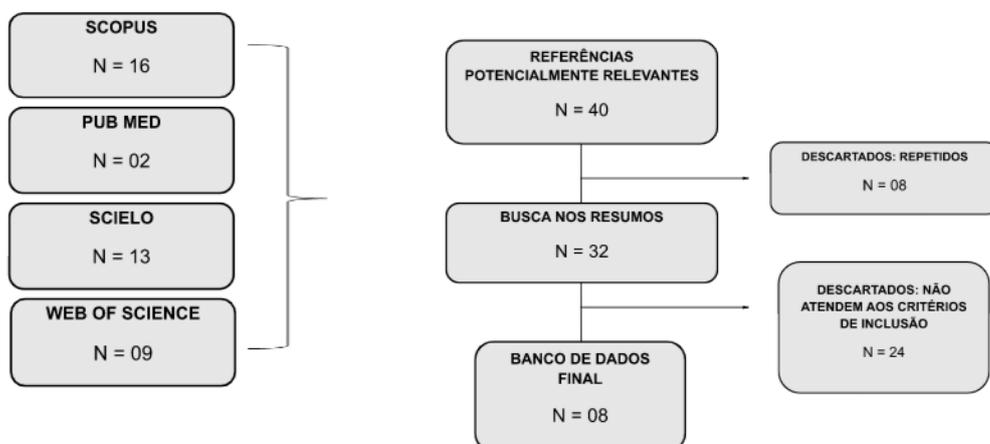


Figura 1.

Fluxograma de etapas de seleção dos artigos na revisão sistemática.

PROTOCOLO DE COLETAS DE DADOS

Os artigos foram selecionados com base na utilização de descritores definidos e supracitados, bem como operadores booleanos. A verificação ocorreu, inicialmente, com filtro do recorte temporal de janeiro de 2012 a dezembro de 2022. Em seguida, os títulos foram lidos e os estudos duplicados e/ou que não atendiam aos critérios de inclusão foram excluídos. Logo após, os resumos dos trabalhos selecionados foram lidos e foram excluídos aqueles que não atendiam aos critérios de elegibilidade. Por fim, posteriormente à leitura completa de todos os estudos restantes, foram selecionados aqueles que estivessem de acordo com os preceitos estabelecidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise das produções científicas na área da Psicologia Escolar em interface com as questões de gênero, verificou-se que, nos primeiros cinco anos, entre 2012 e 2018, houve três publicações. Já entre 2018 e 2022, foram lançados cinco trabalhos. Ainda que tenhamos uma pequena crescente nas publicações a partir de 2020, é notório o reduzido número de artigos que articulam essas duas áreas.

Em relação à localização do país de origem dos trabalhos, evidenciou-se que a metade deles foi produzida no Brasil. O restante teve a seguinte origem: Estados Unidos (dois), México (um) e África do Sul (um). Sobre os objetivos dos trabalhos analisados, observou-se a seguinte variabilidade: três estudos voltados para a discussão sobre formação e currículo sobre gênero; duas produções científicas resultantes de intervenções no cotidiano escolar; duas pesquisas sobre gênero e educação; e um trabalho que discutiu a necessidade de mais produções sobre

orientação sexual e identidade de gênero, por parte da Psicologia Escolar e de áreas afins.

Quanto ao tipo de pesquisa realizada, verificou-se que quatro produções se voltaram ao estudo teórico sobre a temática de gênero e as outras quatro apresentaram pesquisas de campo. Importa destacar que os sujeitos, objetos das produções científicas, foram, em sua maioria, os alunos. Em apenas uma das produções o objeto foram os professores. Nesses trabalhos, o nível de ensino, objetivo da pesquisa, concentrou-se na educação básica, especificamente nas etapas de ensino fundamental e ensino médio, totalizando cinco estudos. Os demais ocorreram com alunos da graduação em Psicologia (dois) e da pós-graduação em Psicologia Escolar (um).

Em relação aos fundamentos teóricos das produções científicas para discutir as questões de gênero e sua interface com a educação, observou-se que quatro trabalhos utilizaram teorias críticas: teoria queer, perspectiva decolonial, pedagogia freireana e direitos humanos. Os demais trabalhos apresentaram as seguintes perspectivas teóricas: teoria piagetiana do desenvolvimento; teorias de aprendizagem, motivação e competências; teoria sobre estresse minoritário, micro agressões, desenvolvimento de carreira e autoeficácia; e em um dos estudos não possível identificar a perspectiva teórica que embasou a produção.

Como maneira de proporcionar uma melhor visualização da caracterização dos artigos analisados, a seguir, na Tabela 1, apresenta-se os autores, o ano de publicação, o objetivo da pesquisa, a metodologia e a fundamentação teórica utilizadas em cada trabalho.

Tabela 1.

Descrição dos artigos selecionados nas bases de dados.

ID	Autor/ ano	País	Objetivo	Metodologia	Fundamentos teóricos
1	Santos e Parahyba (2018)	Brasil	Apresentar uma experiência de estágio em Psicologia, resultante da intervenção em um projeto de extensão sobre sexualidade e gênero.	Estudo exploratório com estudantes do curso técnico integrado ao ensino médio. Minicurso com 8 encontros e duração de 2 horas, com os recursos de debates, filmes, documentários e palestras.	Concepções críticas de gênero, sexualidade e teoria queer.

2	Espelage (2016)	EUA	Estimular a produção científica sobre orientação sexual e identidade de gênero.	Estudo teórico.	Não identificado.
3	Tondin, Andrade e Lemos (2022)	Brasil	Discutir a presença/ausência da temática de gênero e orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).	Estudo teórico.	Perspectiva crítica em Psicologia Escolar, Pedagogia histórico-crítica e Perspectiva Decolonial.
4	Garbarino (2021)	Brasil	Conhecer as representações de crianças em relação às diferenças sexuais e de gênero, bem como as fontes de informações a esse respeito.	Estudo exploratório, transversal e evolutivo a partir de entrevistas com 80 crianças de 4 a 9 anos, pertencentes a escolas privadas e públicas da cidade de Campinas/São Paulo.	Teoria piagetiana do desenvolvimento humano.
5	Gesser, Oltramari, Cord e Nuernberg (2012)	Brasil	Identificar as contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Escolar e áreas afins na formação docente para a abordagem de gênero e sexualidade.	Estudo teórico.	Psicologia Escolar Crítica, direitos humanos e direitos sexuais reprodutivos.
6	Jearey-Graham e Macleod (2017)	África do Sul	Expor uma intervenção piloto cujo objetivo era promover consciência crítica em torno das normas de gênero e sexo.	Estudo exploratório. Realizado com 14 alunos da 10ª série, com idades entre 15 e 17 anos, em uma escola de classe média baixa em Cabo Oriental. Foram	Princípios freirianos, pedagogia dialógica e psicologia do discurso.

7	Ramírez (2019)	México	Desenvolver uma estratégia de ensino para a disciplina "Cultura e Estudos de Género" na Escola Superior de Psicologia da UAGro.	feitos 10 encontros com duração entre 75 e 90 minutos.	Estudo teórico.	Teorias sobre aprendizagem, motivação e competências.
8	Chen, Panebianco e Verkuilen (2021)	EUA	Conhecer as barreiras potenciais para o sucesso de estudantes de minorias sexuais e de gênero (SGM) em programas de pós-graduação de psicologia escolar.	Estudo exploratório com 204 alunos de pós-graduação em Psicologia Escolar. Aplicação e análise quantitativa de escalas de autoeficácia, engajamento, estresse, depressão e micro agressão.		Teorias sobre o estresse minoritário, micro agressões, desenvolvimento de carreira e autoeficácia.

Verificando a concepção de gênero presente nos trabalhos analisados, houve a predominância, num total de cinco artigos, de concepções críticas, não-biologizantes e cisnormativas, que consideram gênero uma categoria interseccional, histórica e social. Em dois trabalhos, não foi possível identificar essa conceituação específica, sendo gênero discutido com outras categorias como violência, estresse e autoeficácia. Um artigo apresentou uma concepção interacionista cognitiva-afetiva de gênero.

No tocante aos resultados apresentados pelos artigos analisados, observou-se: a indicação de apagamento e/ou silenciamento das discussões e intervenções em gênero na área da educação; necessidade de maior presença teórica e prática da Psicologia Escolar nas questões de gênero; currículos e formações precárias sobre essa temática; escassez de produções científicas sobre gênero, Psicologia e educação; e possibilidade de novas construções e posicionamentos sobre gênero numa perspectiva interseccional, histórica e social a partir de intervenções em Psicologia no cotidiano escolar e na formação docente.

Em relação às formas de abordagem, isto é, de que forma a Psicologia Escolar tem respondido às demandas sobre gênero, evidenciou-se o seguinte: dois artigos analisaram criticamente a formação (para docência na educação básica) e o currículo (BNCC) sobre gênero; quatro trabalhos trouxeram a pesquisa como fonte de discussão e conhecimento sobre as questões de gênero e Psicologia Escolar; e dois artigos demonstraram a prática/intervenção da Psicologia no cotidiano escolar.

Em seguida, na Tabela 2, apresenta-se as concepções de gênero identificadas nos artigos analisados, os principais resultados encontrados e as formas de abordagem detectadas.

Tabela 2.

Concepções de gênero, resultados e abordagens em Psicologia Escolar

ID	Concepção de gênero	Resultados	Formas de abordagem
1	Crítica, interseccional e subjetiva.	Desconstrução da visão biologicista de gênero; Esvaziamento e silenciamento sobre as questões de gênero na escola.	Intervenção no cotidiano escolar.
2	Não foi possível identificar.	Escassez de publicações sobre temáticas de gênero na escola	Estudo incentivando mais pesquisas na área.
3	Concepção crítica e interseccional.	Apagamento e invisibilização das temáticas de gênero na BNCC; Necessidade de "decolonização" dos currículos, das escolas e da Psicologia Escolar.	Análise crítica do currículo proposto na BNCC.
4	Construção cognitiva, afetiva e sociocultural.	Existência de distintas versões na construção da identidade sexual e de gênero: apoiada em estereótipos e outra em gênero e outra na anatomia.	Pesquisa sobre o processo de formação da sexualidade e identidade de gênero.
5	Concepção crítica, uma categoria socialmente atribuída e construtora de respostas e expectativas sociais.	Reduzido conhecimento dos formadores de professores sobre o tema; Presença de abordagens próximas ao senso comum; Necessidade da Psicologia Escolar contribuir para a formação de professores.	Discussão do currículo e formação docente para a prática de ensino sobre gênero e sexualidade, considerando a contribuição da Psicologia Escolar.

6	<p>Construção crítica e sócio-histórica, constituída a partir de múltiplas formulações discursivas e posições do sujeito.</p>	<p>O grupo como lugar para dialogar sobre aspectos significativos da vida, e como espaço para se posicionar dentro de vários discursos e reconhecimento de si como sujeitos legítimos e críticos.</p>	<p>Intervenção no cotidiano escolar gerando produção científica sobre gênero e sexualidade.</p>
7	<p>Conjunto de modos de pensar, acreditar e perceber, gerados em um contexto social em relação à sexualidade.</p>	<p>Contribuir na percepção dos alunos sobre problemas de gênero e desenvolvam uma gestão uso adequado de linguagem inclusiva, sem estigmatização ou discriminação.</p>	<p>Pesquisa sobre a temática de cultura e gênero no currículo da graduação em Psicologia.</p>
8	<p>Não foi possível identificar.</p>	<p>Alunos SGM e não SGM relataram níveis semelhantes de desempenho acadêmico, engajamento, apoio de colegas e professores, autoeficácia e estresse. No entanto, os alunos da SGM, perceberam seus ambientes acadêmicos e profissionais como apoiando menos suas identidades sexuais e de gênero.</p>	<p>Pesquisa sobre a experiência de minorias sexuais e de gênero (SGM) na pós-graduação em Psicologia Escolar.</p>

A partir do estudo dos resultados, emergiram quatro categorias, que auxiliam na análise de como as questões de gênero vêm sendo abordadas no campo da Psicologia da Escolar. Além disso, elucidar quais questões não estão fazendo parte dos estudos, de maneira a ser possível conjecturar futuros caminhos para essa área. As categorias foram dispostas da seguinte maneira: gênero como campo de pesquisa, decolonização de gênero na Psicologia Escolar, gênero no cotidiano educacional e o currículo e a formação em gênero.

GÊNERO COMO CAMPO DE PESQUISA

A proposta de gênero como um objeto de pesquisa vem aparecendo de modo ainda embrionário na comunidade científica, com base no levantamento realizado no presente trabalho. Anteriormente aos últimos cinco anos, a temática era escassa, e, nos últimos três anos, houve uma leve crescente, o que podemos interpretar como uma negligência por parte da academia. Logo, torna-se relevante a reflexão sobre a quem esse silenciamento serve.

O ambiente acadêmico desde sua origem, era ocupado por homens, cissexuais, brancos e, por vezes, europeus (Costa, Barroso & Sarti, 2019). Esse é um dos fatores que contribui para o apagamento das questões de gênero. Não se tratava de suas realidades, pois não era do interesse desses sujeitos estudar o assunto. E mesmo que tal análise fosse realizada, seria possível que o olhar do pesquisador se configurasse enviesado, por discutir com base em um corpo padrão.

Costa et al (2019) argumenta que, quando se trata de gênero, as mulheres sendo foco dos trabalhos nas ciências, ocorreu após o movimento feminista da década 1960. Até então, o debate era restrito a um enfoque de minoria ou quando apresentavam um comportamento fora da regra – estipulada pelo masculino. Portanto, nota-se o quão o saber científico constitui-se com base em um padrão cisgênero. Nesse sentido, apesar de os artigos encontrados revelarem o fortalecimento de gênero e sexualidade como enfoque de estudos, rompendo a tendência normativa, a quantidade ainda permanece limitada. Além disso, o aparato de gênero com recorte de classe e raça necessita ser ampliado ainda mais.

DECOLONIZAÇÃO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA ESCOLAR

Verificou-se que os artigos encontrados, em sua maioria, apontam para uma perspectiva crítica e interseccional de gênero e sexualidade. De modo mais específico, aqueles que possuem sua origem em países que vivenciaram a colonização demonstram essa criticidade, sendo o caso das produções brasileiras, mexicana e sul-africana. Esse parecer contrário em relação à concepção dualista de gênero/sexualidade pode ser compreendido como manifestação decolonial.

O conceito de decolonialidade, apresentado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, compreende que o processo de colonização constituiu um fator histórico determinante para a organização social mundial e para a construção do conhecimento científico, e que diante dessa colonialidade é preciso buscar o rompimento político e epistemológico (Maldonado-Torres, 2018). De acordo com Dimenstein (2020), as teorias que se fundamentam no pensamento decolonial buscam romper com a homogeneização dos saberes produzida pela hegemonia europeia e norte-americana, a fim de produzir uma ontologia política própria contextualizada histórico-socialmente.

Considera-se que a colonialidade, constituiu, dessa forma, um sistema hierárquico de classificação dos saberes, locais e pessoas, que instaurou a hegemonia de um ponto de vista - o eurocêntrico, marcado por concepções dicotômicas, que classificavam as sociedades e seus povos em binômios civilizado-selvagem, branco-negro, homem-mulher. Esse plano de civilidade europeu acabou marcando, de maneira singular, os conceitos de gênero e sexualidade nos corpos colonizados. O binarismo e biologicismo guiaram, assim, a determinação dos papéis sociais, de maneira que os efeitos da colonialidade podem ser observados nas mais diversas práticas cotidianas, nas relações patriarcais, racistas e sexistas, na relação urbano-rural, dentre outras (Maldonado-Torres, 2018; Dimenstein et al, 2020).

A presença de perspectivas críticas, decoloniais e interseccionais nos estudos em Psicologia Escolar e gênero, especialmente em países latino-africanos, aponta que a Psicologia nesses países está buscando romper com concepções hegemônicas norte-eurocêntricas e dicotômicas de gênero. A Psicologia Escolar, nesse cenário, apesar de tímida, encaminha-se, cada vez mais, para a promoção de discussões que abarcam as diversidades, a garantia de direitos e a liberdade de expressão.

Além disso, abre espaço para fundamentar um ambiente escolar não-dogmático e que proporcione acesso ao conhecimento crítico e contextualizado.

GÊNERO NO COTIDIANO EDUCACIONAL

Neste trabalho, demonstrou-se uma presença reduzida de produções científicas que trouxeram intervenções/práticas no cotidiano escolar. Os trabalhos que tiveram esse propósito foram realizados com o público de alunos e no nível da educação básica, especificamente, no ensino médio. Dessa forma, ficaram de fora os outros atores educacionais, como gestores, docentes, porteiros, merendeiras, família, comunidade, dentre outros. O mesmo ocorre com as intervenções na etapa do ensino infantil e na educação superior, assim como os outros contextos educacionais, como organizações não-governamentais. Assim, evidenciamos algumas ausências da Psicologia Escolar. Mas o que essas ausências podem significar?

Em primeiro lugar, essas ausências atendem ao projeto político-religioso ultraconservador de silenciar os debates e intervenções no campo do gênero e da sexualidade. Mais uma vez, prevalecem os objetivos dos opressores e a “educação bancária” (Patto, 2022; Freire, 2022) se estabelece, cumpre o seu papel. Os espaços não ocupados, neste caso, pela Psicologia Escolar, são ocupados por concepções biologizantes, discriminatórias e cisnormativas, de maneira que as estruturas hierárquicas acabam sendo mantidas (Hooks, 2013). Ao mesmo tempo, é possível olhar para essas ausências e perceber que a Psicologia Escolar possui um campo de atuação extremamente potente, e que o movimento de crítica iniciado na década de 1980 ainda possui muitos lugares a alcançar. E um deles é o próprio cotidiano escolar.

Nesse sentido, preocupa que, neste estudo observou-se a preponderância de trabalhos voltados à pesquisa, que se articulam superficialmente com o cotidiano educacional, não conseguindo articular teoria e prática, o que pode estar relacionado a presença de concepções dicotômicas sobre pesquisa. Nesse sentido, as palavras de Hooks (2013), ao se referir sobre a construção de sua teoria feminista, ajudam-nos a pensar sobre isso, quando ela diz: “Para mim, essa teoria nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas” (p. 97). Dessa forma, acredita-se que a Psicologia Escolar precisa trilhar caminhos epistemológicos e metodológicos que considerem a indissociabilidade entre teoria e prática, para que as questões de gênero não sejam abordadas nem de forma militante, descontextualizada; e nem sejam levadas à prática, baseadas em senso comum, as quais acabam por contribuir para a cristalização de concepções biologizantes de gênero.

CURRÍCULO, FORMAÇÃO E GÊNERO

O currículo e a formação para atuação nas questões de gênero foram objeto de análise de três das oito produções científicas analisadas. Isso denota a presença de

uma preocupação com a fragilidade da formação durante a graduação em Psicologia e nas licenciaturas de maneira geral, que acabam negligenciando essa temática, ao mesmo tempo, uma preocupação com o currículo e as práticas docentes nas escolas.

Verificou-se que as problematizações presentes nos trabalhos apontam para uma formação acadêmica precária e insuficiente no que se refere às questões de gênero, o que, por sua vez, articula-se com a presença de práticas docentes e, também psicológicas, pouco fundamentadas teoricamente. Lima (2019) corrobora com essa questão, ao observar que as temáticas de gênero e sexualidade têm encontrado pouca expressão nos currículos universitários.

Amaral et al (2022), ao analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Psicologia e o Projeto Pedagógico de cinco universidades federais do Brasil, verificou que discussões sobre gênero e sexualidades apenas tangenciam a formação de psicólogas(os), apresentando-se como um tema transversal ou compondo disciplinas optativas. Dessa forma, percebe-se que as mesmas estruturas sociais hierárquicas alcançam o espaço acadêmico, legitimando discursos, dificultando, e até mesmo, impedindo formações que considerem as diversidades de subjetividades, de gênero e de corpos. Uma formação a-crítica, certamente, contribui para que psicólogas(os) escolares não abordem as questões de gênero em seu trabalho cotidiano, bem como tenham dificuldades em analisar criticamente discursos, legislações e práticas educativas, que, como bem destaca Moreira (2019), possuem um partido, servem a um modelo de sociedade almejado pelas classes hegemônicas.

Por isso, a Psicologia Escolar precisa se fazer presente desde a construção das Políticas Educacionais até o seu desenvolvimento nas diversas instituições educacionais, uma vez que se observa, ainda, a invisibilização da temática de gênero em documentos tão importantes como as DCNs do curso de Psicologia e a Base Nacional Curricular Comum, conforme aqui evidenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou realizar uma revisão sistemática referente às produções científicas no campo da Psicologia Escolar em sua interface com as questões de gênero nos últimos 10 anos. Foram encontrados no total 08 artigos que discorreram sobre o objeto proposto. Os estudos revelam que gênero na Psicologia Escolar vem sendo pensado a partir de uma perspectiva crítica e não biologizante. Contudo, as lacunas enquanto número de produções, modalidades de pesquisas e abordagem de diferentes níveis educacionais permanecem.

Espera-se, assim, que a análise aqui produzida possa ilustrar a carência de comprometimento social da Psicologia Escolar para com as questões de gênero, uma vez que os discursos precisam se materializar em mais produções científicas, voltando-se, sobretudo, aos grupos invisibilizados (crianças, adultos, profissionais

da educação, família e comunidade) e considerando todos os níveis de educação. Espera-se, ainda, estudos que superem a histórica dicotomia teoria-prática, que analisem criticamente as políticas educacionais; e que produzam um conhecimento decolonial e contextualizado histórico-socialmente, voltado ao enfrentamento e superação de toda e qualquer situação de opressão e violência.

É importante, também, elencar determinadas limitações nos dados trabalhados. O recorte temporal adotado poderia ser proposto com maior amplitude, abarcando assim uma quantidade superior de pesquisas. Dentre os critérios de elegibilidade escolhidos as teses, dissertações e outras produções não foram consideradas. As bases de dados pesquisadas podem ter restringido o escopo de quaisquer estudos envolvendo o fenômeno, portanto, pode haver estudos que não foram incluídos nesta revisão. Entretanto, tais ponderações não colocam em descrença o método utilizado no presente artigo.

Por fim, a partir deste estudo, aponta-se a necessidade de mais produções científicas que articulem Psicologia Escolar e gênero, sobretudo estudos que integrem experiências advindas do cotidiano educacional às teorias sobre gênero, isto é, pesquisas fundamentadas em metodologias qualitativas, que busquem superar a dicotomia teoria e prática, a exemplo da pesquisa-intervenção, etnografia e grupo focal. É necessário, também, estudos que abordem todos os sujeitos que fazem parte da escola - profissionais, gestores, alunos, família e comunidade; e estudos com todos os níveis de educação - educação básica (nas etapas infantil, fundamental e médio) e educação superior (na graduação e pós-graduação). Além disso, é notória a necessidade de pesquisas voltadas às políticas educacionais em seus aspectos formativos, analisando a presença/ausência da temática de gênero no currículo e elucidando as transformações necessárias, assim como pesquisas que busquem analisar criticamente e, também, evidenciar a participação da Psicologia Escolar na construção e implementação de legislações e diretrizes que regulamentam as práticas educativas em todos os seus níveis.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (2020). *Nota técnica sobre atribuições da(o) psicóloga(o) escolar e educacional*. ABRAPEE. https://abrapee.files.wordpress.com/2020/12/abrapee_nota-tecnica_2020.pdf
- Amaral, C., Ribeiro, P. R. C. & Barros, S. C. (2022). Por uma psicologia que (re)conheça a todos/as: discussões curriculares sobre a formação de psicólogos/as em sua relação às discussões sobre gêneros e sexualidades. *Psicologia Revista*, 31(2), 332-357. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2022v31i2p332-357>
- Chen, C. Y.-C., Panebianco, A., & Verkuilen, J. (2023). Exploration of the experiences of sexual and gender minority students in school psychology programs. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 10(1), 44–55. <https://doi.org/10.1037/sgd0000485>
- Conselho Federal de Psicologia (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf

- Costa, A. O., Barroso, A., Sarti, C. (2019). Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? In H. B. Holanda (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto* (pp. 106-132). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Dimenstein, M., Silva, G. N., Dantas, C., Macedo, J. P., Leite, J. F. & Alves Filho, A. (2020). Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano. *Revista de Estudos Feministas*, 28(3), 01-14. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n61905>
- Espelage, D. L. (2016). Sexual orientation and gender identity in schools: A call for more research in school psychology-No more excuses. *Journal of School Psychology*, 54, 5-8. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2015.11.002>
- Freire, P. (2022). *Pedagogia do oprimido*. 82. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Garbarino, M. I. (2021). O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *Cadernos Pagu*, (63), 1-16. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630016>
- Gesser, M., Oltramari, L. C., Cord, D., & Nuernberg, A. H. (2012). Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(2), 229-236. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000200005>
- Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jearey-Graham, N., & Macleod, C. I. (2017). Gender, dialogue and discursive psychology: A pilot sexuality intervention with South African high-school learners. *Sex Education*, 17(5), 555-570. <https://doi.org/10.1080/14681811.2017.1320983>
- Lima, A. M. (2019). Gênero, diversidade sexual e psicologia: reflexões sobre a formação dos(as) psicólogas(os). In D. Ferrão, L. H. Carvalho, & T. Coacci (Orgs.). *Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo* (pp. 17-34). Belo Horizonte, MG: Conselho Regional de Psicologia-04. Recuperado de https://drive.google.com/file/d/1HB5RjU4v1yW4djf_wZaTUakgUPZ2OUxd/view
- Louro, G. L., Neckel, J. F., & Goellner, S. V. (Orgs.) (2013). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Maldonado-Torres N. (2018). Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado-Torres, & R. Grosfoguel (Orgs), *Decolonialidade e pensamento diaspórico* (pp. 27-53). Belo Horizonte: Autêntica.
- Mattos, S. M., Cestari, V. R. F., & Moreira, T. M. M. (2023). Scoping protocol review: PRISMA-ScR guide refinement. *Revista de Enfermagem da UFPI*, 12(1). <https://doi.org/10.26694/reufpi.v12i1.3062>
- Moreira, M. I. C. (2019). Gênero e diversidade sexual na escola: como a Psicologia pode contribuir? In: D. Ferrão, L. H. Carvalho, & T. Coacci (Orgs), *Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo* (pp. 60-75). Belo Horizonte: CRP-04.
- Nicola, J., & Catriona, I. M. (2017) Gênero, diálogo e psicologia discursiva: uma intervenção piloto de sexualidade com alunos do ensino médio sul-africanos. *Educação Sexual*, 17(5), 555-570. <https://doi.org/10.1080/14681811.2017.1320983>

- Patto, M. H. Z. (2022). *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. 5. ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Ramírez, S. V. (2019). Estrategias para la motivación de los estudiantes de segundo semestre en la unidad de aprendizaje de estudios de cultura y género de la Escuela Superior de Psicología de la Universidad Autónoma de Guerrero (UAGro). *Revista Dilemas Contemporáneos: Educación, Política y Valores*, 3(5), 1-24. Recuperado de <https://dilemascontemporaneoseduccionpoliticayvalores.com/index.php/dilemas/article/view/1838/1907>
- Santos, S. D. M., Paranahyba, J. C. B. (2018). Sexualidade e gênero(s): Debates e desafios no estágio de licenciatura em psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(1), 83-91. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018011946>
- Tondin, C. F., Andrade, A. C., & Lemos, F. C. S. (2022). Corpo regulado: competências socioemocionais e sexualidades (in)visíveis na Base Nacional Comum Curricular. *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4703>
- Vergueiro, V. (2014). Colonialidade e cis-normatividade (Entrevista concedida a Boris Ramírez Guzmán). *Iberoamérica Social*, i, 15–21. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6624989.pdf>

CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.

SOBRE OS AUTORES

Isabele Linhares Santos é Psicóloga pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr. Mestranda em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar pela Universidade de Brasília - UnB. e-mail: isabelelinhares@hotmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0001-5294-3148>

Aline Alves de Moraes é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Educacional da Lapa e em Psicanálise e Clínica Contemporânea pelo Instituto de Pós-graduação e Graduação. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. e-mail: aline.psi.moraes@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0002-4008-2261>

Fauston Negreiros é Pós-Doutor em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP. Psicólogo, graduado pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará/UFC. É Professor Associado 2 do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília - UnB. e-mail: fnegreiros@unb.br.

 <https://orcid.org/0000-0003-2046-8463>

Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho possui Pós-doutorado em Comunicação e Psicologia pela Universidade de Aalborg, na Dinamarca. Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da UnB e mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB. Professor Associado 3 do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) e do Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento e Educação (PGPDE) do Instituto de Psicologia da UnB. e-mail: asdru_bal@uol.com.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-3213-4498>